

2012

# Metodologia da Pesquisa LGBT



**Autor:**

Jaqueline Gomes de Jesus  
Doutora em Psicologia Social, do  
Trabalho e das Organizações pela  
Universidade de Brasília – UnB

[www.primernombre.com](http://www.primernombre.com)

Documento n° C0008

## METODOLOGIA DA PESQUISA LGBT

Jaqueline Gomes de Jesus Doutora em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília – UnB.<sup>1</sup>

Página | 2

### RESUMO

A partir de um referencial teórico fundamentado em uma interpretação complexa da realidade social, considerando limitações metodológicas e os desafios para a pesquisa junto a populações sócio-historicamente discriminadas, em particular o grupo composto por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT, é apresentada uma análise crítica do conteúdo e dos procedimentos minicurso Metodologia da Pesquisa LGBT, ministrado em outubro de 2008, durante a VIII Semana de Extensão da Universidade de Brasília, com o propósito de contribuir epistemologicamente para a ação empírica relacionada à investigação das experiências vivenciadas por esse grupo social.

Palavras-chave: Metodologia de Pesquisa - Direitos Humanos - Orientação Sexual - Identidade de Gênero

### ABSTRACT

From a theoretical reference based on a complex interpretation of social reality, considering methodological limitations and challenges for research social-historically discriminated populations, in particular the group compound of Lesbians, Gays, Bisexuals, Transvestites and Transsexuals – LGBT, it is presented a critical analysis of the content and procedures of the short course Methodology of the LGBT Research, delivered in October 2008, during the VIII Extension Week of the University of Brasilia, with the purpose of epistemologically contributing to the empirical action related to the investigation of the experiences of this social group.

Keywords: Research Methodology - Human Rights - Sexual Orientation - Gender Identity

---

<sup>1</sup> E-mail: [jaquelinejesus@unb.br](mailto:jaquelinejesus@unb.br) Pesquisadora do Laboratório de Trabalho, Diversidade e Identidade – LTDI/UnB. Professora do Centro Universitário Planalto do Distrito Federal – UNIPLAN. Membro da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO e Investigadora da Rede de Antropologia Dos e Desde os Corpos. Últimas publicações: Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos (Goiânia: Ser-Tão/UFG, 2012); O Movimento na rua: política e identidade nas dimensões de gênero, orientação sexual e raça/etnia (Brasília: Demodê/UnB, 2012); A negação do corpo feminino (Brasília: Observatório Mídia & Política/UnB, 2012); Preconceito, estereótipo e discriminação (Porto Alegre: Artmed, 2011); Atração e repulsa interpessoal (Porto Alegre: Artmed, 2011).

A premissa de que alguns modelos de método científico poderiam neutralizar o fator subjetividade em pesquisa, tido como deletério, surge no século XVIII com o positivismo de Augusto Conte, fundamentado no pensamento de filósofos como Bacon (raciocínio indutivo) e Hume (método experimental).

Página | 3

Essa concepção alcança seu ápice, na pesquisa social, com os trabalhos de Durkheim, que ao determinar que se deve observar os fatos sociais como se fossem coisas, subverte que o(a) pesquisador(a) não deve interpretar os fenômenos sociais, mas apreender os seus “significados internos” (Aron, 1999, p. 327).

O debate contemporâneo acerca da metodologia de pesquisa em Ciências Humanas e Sociais tem-se pautado, cada vez mais, pela superação da visão supremacista do cartesianismo mecanicista, de cunho quantitativo, como único método válido para se conhecer características de pessoas, grupos, populações.

Abordagens complexas dos fenômenos humanos e da realidade social, que não se reduzem a embates falaciosos entre metodologias quantitativas ou qualitativas, e que reconhecem o ser humano como um sujeito ativo em uma conjuntura histórica e sócio-cultural (Morin & Prigogine, 2000), ocupam maior destaque nas reflexões e práticas dos pesquisadores sociais, com maior ou menor grau de aceitação institucional nos campos de conhecimento da Sociologia, Antropologia, Psicologia Social, entre outros.

Uma das características desse horizonte paradigmático acerca da epistemologia do método científico na pesquisa junto a pessoas, grupos, organizações ou populações é a compreensão da metodologia como ciclo (Minayo, 1999), na qual está imbutida a concepção de que o método não independe da teoria, no sentido em que a produção de conhecimento empírico acerca de algo ou alguém está imbuído das percepções e conhecimentos do(a) pesquisador(a).

A crença na imparcialidade em pesquisa é uma fantasia, o entendimento de que se fazem determinadas opções ante a um objeto é primordial para que o trabalho do(a) pesquisador(a) não seja alienado de suas relações e influências com aquilo/aquela/aquela que é estudado.

Quando tratamos de pesquisa junto a determinados grupos sociais esta questão se destaca: é possível aplicar um método genérico a determinadas populações ou métodos específicos são necessários para se estudar cientificamente grupos particulares?

## Metodologia de Pesquisa em Grupos Sociais

Entre os anos 70 e 80 d século XX, a proposta integrativa de teoria, pesquisa e aplicação de conhecimento de Silvia Lane, caracterizada pela preocupação em transformar problemas de intervenção em problemas de pesquisa, contribuiu para que, no campo da Psicologia Social no Brasil, fosse introduzida a ideia de que era necessário conhecer diferentes técnicas e instrumentos de investigação utilizados nas Ciências Sociais, sem desconsiderar que “estratégias metodológicas não garantem por si solução para os problemas” (Guedes, 2007, p. 40).

Antes desse contexto histórico-acadêmico, a Sociologia já se preocupava com o estudo dos pequenos desde o período pré Segunda Guerra Mundial (Back, 1979), e uma das conclusões alcançadas nesse processo foi a de que o estudo de uma dinâmica de grupo é diferente do estudo de grupo como eles se estabelecem na realidade social: ao mesmo tempo em que os grupos são reais, representações esquemáticas de indivíduos em um espaço social, conforme o pensamento de Lewin (1965).

O nível de análise de indivíduos demanda um tipo de inquirição e instrumentos diferenciados dos demandados na análise de um grupo.

Denzin (1970) trouxe a noção de que as experiências de cada grupo são dramas particulares, e indicam, *per se*, obstáculos e possibilidades para determinadas estratégias de pesquisa. Essa perspectiva defende a fragilidade, para as Ciências que visam estudar grupos ou organizações, da adoção de modelos de pesquisa das Ciências Exatas, e prescreve uma gnosiologia, uma necessidade de construir conhecimentos acerca das características de um grupo, a fim de se poder aprofundar esse saber sobre esse mesmo grupo.

Nesse sentido, as considerações de Pinçon e Pinçon-Charlot (2007) acerca dos obstáculos metodológicos na abordagem em um grupo social podem ser adotadas, de forma genérica, como referenciais para a pesquisa em outros grupos, tendo em vista a sua rica abrangência. Os autores dividem esses óbices em duas ordens: (1) a relação com os pesquisados em situações e pesquisa e (2) o acesso aos dados a respeito dessas pessoas, fatores que reiteram a concepção gnosiológica da pesquisa social.

O pluralismo metodológico é um pressuposto, o qual, de acordo com Bauer, Gaskell e Allum (2003), abrange quatro dimensões constituintes da ação empírica: (1) os princípios do delineamento (subordinados à estratégia escolhida, como observação participante, estudo de caso, experimento, *et cetera*); (2) a geração de dados (os métodos de coleta, entre eles citam-se

entrevista, observação, pesquisa documental); (3) a análise dos dados (os tratamentos analíticos, a exemplo de análise de conteúdo, do discurso, estatística); e (4) os interesses do conhecimento (referentes aos objetivos inerentes à ação de pesquisar: (a) controlar e predizer, (b) construir consenso ou (c) emancipar e empoderar os sujeitos do estudo).

Ante ao exposto, ratifica-se a afirmação de Filstead (1979) de que, “mais do que apenas diferenças entre estratégias de pesquisa e procedimentos de coleta de dados” (p. 45), a diversidade dos enfoques metodológicos representam diferentes referenciais epistemológicos para o conhecimento do conhecimento (gnosiologia) da realidade social, porque esta, mais do que apenas um fato ou uma coisa, é ela mesma um produto de hipóteses e saberes.

No ano de 2008 a Universidade de Brasília – UnB realizou a VIII Semana de Extensão – SEMEX, com o tema “Educação e Democracia”. Nesse contexto, e partindo do amplo *background* teórico-metodológico acima exposto, propôs-e ministrar, entre os dias primeiro e 3 de outubro, um minicurso de 7 horas de 20 minutos, denominado “Metodologia da Pesquisa LGBT”, abordando aspectos próprios da pesquisa junto à heterogênea população composta por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT.

### **Metodologia da Pesquisa LGBT**

Nos últimos anos, a partir da intensa mobilização e do acúmulo político das lideranças LGBT, o Brasil passou por um processo de amadurecimento na luta pela liberdade no exercício da orientação sexual de lésbicas, gays e bissexuais (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, 2000; Grupo Gay da Bahia, 1995), e na expressão da identidade de gênero de travestis e transexuais (Bento, 2008).

Um dos indícios concretos desse amadurecimento foi a convocação, pelo Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, da primeira conferência nacional voltada a essa população, realizada em 2008. Essa iniciativa, mais do que apenas um evento isolado, representa o ápice de um longo processo de interlocução da sociedade civil organizada com o Poder Executivo, a fim de reestruturar as políticas públicas que, historicamente, ignoram as demandas fundamentais da população LGBT (Baird, 1997; Beckett & Denborpugh, 1995).

A batalha pela liberdade de ser como se é melhorará a democracia brasileira. Porém, o reconhecimento de avanços não mitiga os efeitos nefastos do preconceito e da discriminação institucionais contra LGBT, estruturante de múltiplas violências simbólicas, psicológicas e físicas, e da negação de direitos

fundamentais extensamente listados (Hilton, 1992; Jesus, 2000; Mott, 1996. 1997a, 1997b).

É nessa conjuntura emaranhada de oportunidades e de obstáculos milenares que se vive um frutífero crescimento quantitativo e qualitativo dos movimentos sociais e das iniciativas de toda espécie, voltadas a esse campo. A população LGBT constrói e fortalece formas de poder em todos os níveis, ocupa espaços institucionais.

A dimensão científica participa dessa revolução ao reavaliar e reconstruir seus métodos e instrumentos, preservando o espírito crítico que caracteriza a autonomia universitária, consciente de sua participação na conjuntura social contemporânea.

O minicurso Metodologia da Pesquisa LGBT, realizado na VIII SEMEX da UnB, em nível de aperfeiçoamento, foi ministrado para 40 cursistas, de primeiro a 3 de outubro de 2008, das 19 horas às 22 horas e 40 minutos, com carga horária total de 11 horas.

A justificativa para a aprovação dessa ação foi a de que um minicurso de aperfeiçoamento quanto às interfaces entre metodologia de pesquisa e características da população LGBT se apresenta como uma necessidade da comunidade acadêmica, ante às indagações e demandas sociais por maiores informações e maior fidedignidade na coleta e análise de dados, tendo em vista a complexidade da população-alvo e da conjuntura social em que ela atua, além de se considerar que as ciências precisam refletir continuamente acerca do seu grau de autonomia frente aos discursos sociais, militantes, religiosos e ideológicos, de forma geral, no que tange à diversidade sexual e de gênero.

## Objetivos

Para a realização do minicurso foram apontados, como objetivos:

- Apresentar problemas de pesquisa social;
- Discutir aspectos teóricos e práticos da realização de pesquisas junto à população LGBT;
- Divulgar informações acerca da diversidade humana e suas dimensões;
- Estimular a reflexão crítica acerca da relação entre ideologia e ciência;
- Aprofundar conhecimentos sobre orientação sexual e identidade de gênero.

## Metodologia

Inserido nas áreas de conhecimento das Ciências Humanas, com enfoque na linha de extensão voltada a grupos sociais vulneráveis, o minicurso foi presencial, e objetivou propiciar a discussão, por meio de aula expositiva, relatos de experiências, uso de recursos audiovisuais e realização de dinâmicas de grupo, o sentido da existência de metodologias de pesquisa especificamente voltadas à população LGBT, e seus desafios, tendo como referencial teórico determinados tópicos da pesquisa social. Foram convidados palestrantes para relatar experiências de pesquisa com a população LGBT.

## Avaliação

O minicurso foi avaliado no âmbito dos procedimentos de sua realização e da aprendizagem, o que abrangeu a aplicação de um instrumento de avaliação de expectativas, um pré-teste (anexo I) no início, para verificar as expectativas dos participantes quanto ao que seria ensinado e o seu grau de conhecimento acerca das condições atuais da população LGBT; e uma avaliação final dos conhecimentos adquiridos.

## Conteúdo Programático

01 de outubro – primeiro dia:

Aplicação de pré-teste;

Apresentação dos participantes;

Apresentação da proposta do curso;

Dinâmica de grupo (aquecimento);

Exibição de vídeo sobre homoafetividade, travestilidade e Carnaval;

Palestra do Professor Doutor Cláudio Vaz Torres, do Instituto de Psicologia da UnB, sobre dimensões da diversidade;

Aula expositiva sobre orientação sexual.

02 de outubro – segundo dia:

Dinâmica de grupo (O que causa o *heterossexualismo?*);

Exibição do vídeo temático “O Segredo de Brokeback Mountain”, sob o tema homoafetividade em culturas heteronormativas;

Palestra da Professora Doutora Karla Christianne Cardoso Batista, da Escola Superior Professor Paulo Martins – ESPAM, sobre a crítica do método;

Aula expositiva sobre erros e estratégias da pesquisa social.

03 de outubro – último dia de aula:  
Dinâmica de grupo (relaxamento);  
Exibição do vídeo temático “O Einstein do Sexo”, sobre os desafios da pesquisa-ação em sexualidade humana;  
Palestra da Professora Doutora Berenice Bento, do Departamento de Sociologia da UnB, sobre o método sociológico;  
Aula expositiva sobre identidade de gênero;  
Avaliação final de conhecimentos.

## Considerações Finais

Comparando o pré-teste com a avaliação final de conhecimentos, concluiu-se que, apesar de os cursistas já apresentarem conhecimentos básicos sobre orientação sexual e algumas dúvidas sobre identidade de gênero, a grande lacuna de aprendizagem se encontrava no entendimento da relação entre metodologias de pesquisa e estudo da população LGBT, dentro do modelo gnosiológico.

Identificou-se ao término do minicurso, que os cursistas fortaleceram com referenciais teóricos suas concepções sobre orientação sexual, aprofundaram conhecimentos acerca de identidade de gênero e compreenderam a importância de se conhecer as nuances da população que se pretende conhecer para que, efetivamente, seja possível conhecê-la sob o viés científico.

## Referências Bibliográficas

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Carta de Brasília**. Brasília: CEDOC, 2000.

BACK, Kurt W. **O pequeno grupo – corda bamba entre sociologia e personalidade**. In: *Jornal de Ciência Aplicada do Comportamento*, v. 15, n. 3, 1979. Disponível em: <http://www.continents.com/art2.htm>. Acesso em: 19 jan. 2012.

BAIRD, Barbara. The role of the state in the regulation of sexuality: the police and violence against lesbians and gay men. **Flinders Journal Of Law Reform**, n. 2, v. 2, 1997. (p. 75-86).

BAUER, Martin; W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses de conhecimento: evitando confusões. In: BAUER,



Martin; W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2003. (p. 17-36).

BECKETT, Lori; DENBORPUGH, David. **Homophobia: implications for mainstream policy and practice**. Proceedings of Promoting Gender Equity Conference. Canberra, 1995. (p. 391-406).

BENTO, Berenice. **O que é Transexualidade?**. São Paulo: Brasiliense, 2008.  
DENZIN, Norman K. **The research act: a theoretical introduction to sociological methods**. Chicago: Aldine, 1970.

FILSTEAD, William. J. Qualitative methods: a needed perspective in evaluation research. In: COOK, Thomas; REICHARDT, Charles (Orgs.). **Qualitative and quantitative methods in evaluation research**. Beverly Hills: Sage, 1979. (p. 33-48).

GRUPO GAY DA BAHIA. **Manual de sobrevivência homossexual**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 1995.

GUEDES, Maria do Carmo. A viagem histórica pela América Latina. **Psicologia & Sociedade**, n. 19, edição especial 2, 2007. (p. 39-45).

HILTON, Bruce. **A homofobia tem cura?**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1992.

JESUS, Jaqueline. Violência e assassinato de homossexuais e transgêneros no Distrito Federal e Entorno. In: MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo (Orgs.).

**Matei porque odeio gay**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000. (p. 230-249).

LEWIN, Kurt. **Teoria de campo em ciência social**. São Paulo: Pioneira, 1965.  
MORIN, Edgar; PRIGOGINE, Ilya. **A sociedade em busca de valores**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

MOTT, Luiz. Homofobia: **Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil**. San Francisco: International Gay and Lesbian Human Rights Commission, 1997a.

MOTT, Luiz. **O crime homofóbico: viado tem mais é que morrer!**. In: Discursos Sediciosos: Crime, Direito e Sociedade. Ano 2, n. 4, 1997. (p. 121-130).

MOTT, Luiz. Os homossexuais: as vítimas principais da violência. In: VELHO, Gilberto; ALVITO, Marcos (Orgs.). **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Fundação Getúlio Vargas, 1996.

PINÇON, Michel.; PINÇON-CHARLOT, Monique. Sociologia da alta burguesia. **Sociologias**, ano 9, n. 18, 2007. (p. 22-37).

## Anexo I – Avaliação de Expectativas

### Metodologia da Pesquisa LGBT

#### Pré-Teste

Prezado (a), este Pré-Teste visa avaliar suas expectativas de aprendizagem neste minicurso, a fim de observarmos, ao término das atividades, se você alcançou as suas metas satisfatoriamente.

Nome do(a) estudante(a):

O que você espera aprender neste minicurso?

Para você, haveria métodos de pesquisa mais apropriados para conhecer a população LGBT? Por quê?

Para você, o que é orientação sexual?

Para você, o que é identidade de gênero?